

## PARTE LITTERARIA

## Cortesã e Coquette

(A' MOREIRA ALVES)

I

Um dia—era no templo—ao pé de ti sentou-se—  
 Lasciva e orgulhosa—a torpe cortesã.  
 Roçaram teu vestido os seus setins custosos,  
 E tu mais rubra foste, que as flores da romã.  
 Tu esqueceste, moça, o que o Christo disse  
 Da Magdalena impura, que lh'enxugava os pés;  
 Tu esqueceste, moça, o humilhado scriba,  
 E no fingido zelo do pharisêo só crês.  
 Mas olha: aprende agora no livro proveitoso  
 Da historia d'este mundo ainda outra lição.  
 Embota ao odio os dardos, que a misera destinava;  
 Converte o teu desprezo em doce compaixão.  
 Aprende, sim, que o mundo consagra á messalina  
 Rancor mui mais profundo, que ella lhe merece:  
 E roja humilde, a fronte cobrindo de lisonja  
 A fementida virgem que mais abaixo desce.

## A CORTESÃ

II

Entremos n'este alcouce. Não temas: o perfume  
 Da flor da innocencia não morre nos paúes:  
 E o incenso puro—por meio de miasmas—  
 Em espiraes remonta ás regiões asúes.  
 Pergunta á desgraçada, que ali vês estendida  
 Do leito dos praseres nas sedas lusidias—  
 Nas faces tendo fundo o cunho do deboche,  
 E murcha sobre a fronte a c'rôa das orgias—  
 Pergunta a sua historia. Pergunta: que demonio  
 A despenhou nas fauces d'aquelle negro abysmo;  
 Pergunta, se aos olhares do mundo e a seu desprezo  
 Não sente arder a face na masc'ra do cynismo.  
 E ella rir-se-ha! Coitada; é que no riso  
 Profunda dôr affaga, que o mundo lhe não vê,  
 E sem te responder—confusa, estupefacta—  
 Perguntará, talvez, perguntará—« Porque? »  
 Porque? ! Acaso o mundo a amparou na queda  
 E de um viver honesto lhe procurou o pão?  
 Oh, não! E elle mesmó, que em crusando os braços,  
 A vio tombar no barathro, a cobre de irrisão.

E' singular o mundo ! Rafeiro, que festeja  
 O amo, que lh'estende opipara ração,  
 Mas que lhe ladra e morde, se a fortuna o manto  
 Lhe arranca da opulencia e dá rôto gibão.  
 Mas como o rico probo, que cahê na indigencia  
 Não perde a sua honra com a riqueza vã,  
 Tambem a prostituta, sob o corrupto corpo,  
 Frequentes vezes pôde guardar uma alma sã.

.....

Nas regiões do Norte ha exquesito fructo,  
 Que n'apparencia rude semelha feia pedra;  
 Repelle-o, desgostoso, quem por acaso encontra-o  
 Por não saber que dentro sabor suave medra.  
 Assim co'a prostituta. O lodo em que s'envolve  
 A cobre de ignominia—lhe mancha a formosura;  
 E o mundo não s'importa se às trevas d'essa vida  
 Espanca, luminosa, uma alma boa e pura.  
 A historia de Luciola não é chimera louca,  
 E muito drama d'esse se agita nos bordeis.  
 Oh ! quanta desgraçada vertendo amargo pranto  
 Soluça junto á cruz de dores tão crueis!

*João Kopke.*

*(Continua.)*

### Ingenua

Eu disse-te baixinho : « és tão criança ainda !  
 « Esquece esse rumor, que agita-se na sala.  
 « Na alcova és mais feliz a decorâr meus versos.....  
 « Tens mais raios no olhar, mais musica na falla. »

.....  
 .....  
 .....  
 .....

E tu me respondeste « eu sei que sou menina!....  
 « Sou anjo, e nunca o amor me fez scismar siquer;  
 « Só abrirei minh'alma aos sonhos da ventura,  
 « Quando sentir-me então—menina, anjo e mulher. »

Recife—1872.

*Castro Rebello Junior.*